

KENIA MARIA DE ALMEIDA PEREIRA

# MACHADO DE ASSIS E O LIVRO DE JÓ



**MACHADO DE ASSIS  
E O LIVRO DE JÓ**

© Kenia Maria de Almeida Pereira, 2025

© Editora Projétium, 2025

**Autora** Kenia Maria de Almeida Pereira

**Projeto Gráfico** Wellington Donizetti

**Diagramação** Wellington Donizetti

**Capa** William Blake, Behemoth e o Leviathan, 1827

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d5/Behemoth-Leviathan.jpg>

**Conselho Editorial** Kenia Maria de Almeida Pereira (UFU)

Fernanda Aquino Sylvestre (UFU)

Nelson Luís Ramos (UNESP)

Paulo Cesar Peres de Andrade (UFU)

Claudia Fernanda de Campos Mauro (UNESP)

Josilene Pinheiro-Mariz (UFCG)

Flávia Andrea Rodrigues Benfatti (UFU)

Elisabeth Gonzaga de Lima (Uneb)

## Catálogo na Publicação (CIP)

P437m

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida;

MACHADO DE ASSIS E O LIVRO DE JÓ. 1ª ed / Uberlândia-MG:

Editora Pojetium, 2025.

80p.; il.; 1952kb

ISBN: 978-65-984824-7-3

1. Machado de Assis 2. O Livro de Jó 3. Poesia  
4. Literatura Brasileira 5. Intertextualidade

I. PEREIRA, Kenia Maria de Almeida; II. Título

CDD 869.8

As opiniões e os conceitos emitidos, bem como a exatidão,  
adequação e procedência das citações e referências,  
são de exclusiva responsabilidade dos autores.

É proibida a reprodução total ou parcial | Impresso no Brasil / Printed in Brazil

A comercialização desta obra é proibida

E-book para download gratuito: em [www.editoraprojetium.com.br](http://www.editoraprojetium.com.br)

Kenia Maria de Almeida Pereira

# MACHADO DE ASSIS E O LIVRO DE JÓ

Uberlândia – MG  
2025



(Laboratório de Estudos Judaicos)





# SUMÁRIO

DEDICATÓRIA .....	7
INTRODUÇÃO .....	9
<b>PRIMEIRO CAPÍTULO:</b> .....	17
BREVES REFLEXÕES SOBRE <i>O LIVRO DE JÓ</i>	
<b>SEGUNDO CAPÍTULO:</b> .....	33
JEOVÁ RESPONDE EM VERSOS	
<b>TERCEIRO CAPÍTULO:</b> .....	49
RASTROS DO LIVRO DE JÓ NA PROSA MACHADIANA	
CONCLUSÃO .....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	65
SOBRE A AUTORA .....	77
ÍNDICE DAS FIGURAS .....	79



# DEDICATÓRIA

Ao Paulo de Andrade, meu primeiro leitor e interlocutor;

À professora supervisora Suzana Chwartz pelo acolhimento no CEJ (Centros dos Estudos Judaicos) e por me abrir caminhos pelas veredas hebraicas;

Aos meus seis companheiros de viagem, Fabrício, Fabiano, Matheus, Paulo, Gil e Bob, que entendem e suportam meus delírios;

Aos meus alunos e ex-alunos do Laboratório dos estudos judaicos (LEJ/ UFU/CNPq), que todos os dias me ensinam a lição de que só sei que nada sei;

À minha mestra Lyslei do Nascimento, que está sempre ao lado de sua gafanhota, indicando o caminho;

À professora Maria Luiza Tucci Carneiro que sempre me apoiou nas trajetórias do mundo acadêmico;

A Eneida Beraldi que suportou as minhas gafes e loucuras nos Estados Unidos e a Duilia de Mello pelo convite para visitar e pesquisar na Biblioteca Oliveira Lima em Washington, DC;

À Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e principalmente ao NUCLIT e PPCELIT pelo apoio durante meu pós-doc;

Aos amigos da Universidade Federal de Catalão UFCat e da USP/São Paulo.

Todos amigos e amigas que tomaram cafezinho comigo no Cafeeiro, ora fofocando ora trocando ideias acadêmicas: Regma, Luiz, Joana, Fernanda, Beth, Valdeci, Lucinete, Enivalda, João, Roberto, Leila, Pierre, Antônio, Magna, Fabianna, etc, etc.

Ao Lucius de Mello pelas preciosas contribuições.

A Aurélia e ao Daniel pelas sugestões bíblicas.

# INTRODUÇÃO

Figura 1



William Blake, Mensageiro conta a Jó sobre seu infortúnio, 1821

“Deus é um cara gozador, adora brincadeira”  
(Chico Buarque de Holanda, “Partido Alto”)

Este livro é fruto de meu estágio pós-doutoral, supervisionado pela professora Suzana Chwartz, na Universidade de São Paulo (USP). Este projeto nasceu do desejo de estudar com mais acuidade a poesia de Machado de Assis em diálogo com a Bíblia hebraica. Comecei a me interessar pelo tema da cultura judaica em Machado, desde que li o livro da professora Anita Novinsky, intitulado *O olhar judaico em Machado de Assis*, presente do amigo Valdeci Borges, o Dragão. Depois vieram outras obras de Novinsky, dentre elas, *Machado de Assis, os judeus e a redenção do mundo*, em que a autora chama nossa atenção para o fato de que não existe ainda “nas milhares de páginas que já se escreveu sobre Machado de Assis, uma análise exaustiva sobre o seu envolvimento com a história e o destino dos judeus” (NOVINSKY, 2008, p.21). Senti-me profundamente provocada por tal afirmação e daí pra frente não parei mais de pesquisar sobre o tema judaico na poesia do Bruxo do Cosme Velho. Tanto o tema da Inquisição portuguesa como da Bíblia hebraica estão presentes no lirismo machadiano. As poesias “Antônio José” e a “Cristã-nova” enfocam o destino dos cripto-

judéus, considerados hereges pela igreja católica, foram perseguidos, torturados e mortos pelo Santo Ofício. Publiquei análises e interpretações sobre estes poemas que se encontram tanto no Arquivo Maaravi (UFMG) como na Revista Letras&Letras( UFU). Também organizei, em 2001, pela editora Aspectus, juntamente com os professores Valdeci Borges e Fabiana Gonzalis, o livro *Machado de Assis: outras faces*, em que tratamos tanto da questão do negro e da mulher nos textos machadianos, como também da presença do dramaturgo Antônio José da Silva, o Judeu.

A Bíblia hebraica, por sua vez, está presente tanto em “Soneto”, que retoma *O Livro de Jó*, como também em “O Dilúvio”, cujo tema gira em torno dos transtornos e tragédias diante da enchente universal. Já a epígrafe do poema “Sinhá” trata de uma referência metafórica a algumas passagens do *Cântico dos Cânticos*, de Salomão e as estrofes de “O profeta” apresentam uma alegoria sobre os poetas em constante sintonia com o criador e com o seu tempo.

Neste livro que o leitor tem agora em mãos privilegiei a análise e o estudo do poema “Soneto”, em que Machado de Assis reelabora ou revisita o capítulo 38 do *Livro de Jó*. Partes desta análise, aliás, foi publicada anteriormente em Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos (UFMG), em maio de 2016, com o título “Quando Jeová

responde em Versos, Machado de Assis e o Livro de Jó”. Fiquei surpresa, durante minhas pesquisas, ao deparar-me com o encantamento de Machado de Assis pelo *O Livro de Jó*.

O que a princípio seria somente uma análise e interpretação de “Soneto”, foi um pouco além, passei a seguir as pegadas de Jó pelas linhas e entrelinhas machadianas. Pode-se dizer que Machado estabelece um jogo paródico e parafrásico com o texto bíblico. Em alguns momentos, o Bruxo elabora, tanto aquilo que Antoine Compagnon denomina de “reescrita”, como também o conceito de “carnavalização”, de Bakhtin. Se no primeiro procedimento, o autor mantém uma afinidade reverente com a Bíblia, no outro, ele subverte o sagrado, entregando ao leitor um texto zombeteiro e irônico.

De qualquer forma, são os versos de Machado de Assis, ou seu intenso lirismo, o que privilegio nesta análise, já que o Machado de Assis poeta, tal qual os estudos dialógicos entre poesia e literatura, também é pouco estudado, permanecendo ainda nas bordas.

No primeiro capítulo, apresento uma breve reflexão filosófica e estética sobre *O Livro de Jó*, tendo como apoio teórico os estudos de Jung, Kierkegaard, Moshe Greenberg, Erich Auerbach, Northrop Frye, Robert Alter, Suzana Chwartz, dentre outros.

No segundo capítulo, elaboro análises e interpretações sobre o poema “Soneto”, apoiada principalmente em teóricos da lírica machadiana como Manuel Bandeira, Claudio Murilo Leal, José Américo Miranda, Wilton José Marques, Audrey Miasso.

Já no terceiro e último capítulo, comento as pegadas de *O Livro de Jó* em outros textos de Machado de Assis, tendo por guia as reflexões de Bakhtin, Antoine Compagnon, Antonio Candido, Roberto Schwarz, dentre outros.

Ter ministrado o Curso de Extensão na USP, “Machado de Assis e o imaginário judaico”, com o apoio da professora Suzana Chwartz, me deu mais segurança para escrever e reescrever este livro, pois, o diálogo e discussões com os alunos me fizeram rever e repensar o complexo e rico diálogo que a literatura brasileira estabelece com a Bíblia. Sempre penso o quanto ainda precisamos investigar sobre tal assunto que infelizmente ainda é pouco estudado ou totalmente ignorado nos cursos de Letras. Mas como não atentar, pergunto, para os inúmeros escritores que, ora de forma enviesada ora de forma explícita, ora de forma paródica, ora de forma reverente, vão beber nas águas das Sagradas escrituras? Felizmente, são muitos os alunos que me procuram no Laboratório dos Estudos Judaicos (LEJ), do qual sou coordenadora, manifestando

o desejo de pesquisar sobre estas interfaces da Literatura com a Bíblia hebraica. Tem crescido o número de teses de mestrado e doutorado, além de Iniciações científicas, sob minha orientação, em que o recorte se dá exatamente nesta conexão entre a literatura brasileira e o imaginário hebraico.

No que tange à capa e as outras imagens presentes no livro apresento uma homenagem ao poeta e pintor William Blake. Se Machado de Assis era fascinado pelo *O Livro de Jó*, dedicando a ele poemas e outros textos, Blake, nascido na Inglaterra no século XVIII, poeta romântico, mais conhecido pela sua poesia insubmissa, “O Casamento do céu e do Inferno”, também manteve, ao longo de sua vida, certa obsessão por este trágico personagem bíblico. Ele pintou dezenas de telas inspiradas na vida e na família de Jó. Segundo seus biógrafos, William Blake era atormentado pela ideia de que sua obra não era reconhecida pelos críticos e por ser um artista desprezado por seus contemporâneos. Tal qual Jó, ele também enfrentava grande tristeza e tormento pela indiferença de seus pares e por viver na pobreza. Rapidamente Blake se identificou com os sofrimentos de Jó, dedicando-lhe 22 belas gravuras, e algumas, inclusive, curiosamente, levavam caligrafias em hebraico.

Tive a sorte de ter a competente professora Suzana Chwartz como supervisora deste projeto de pós-doutorado

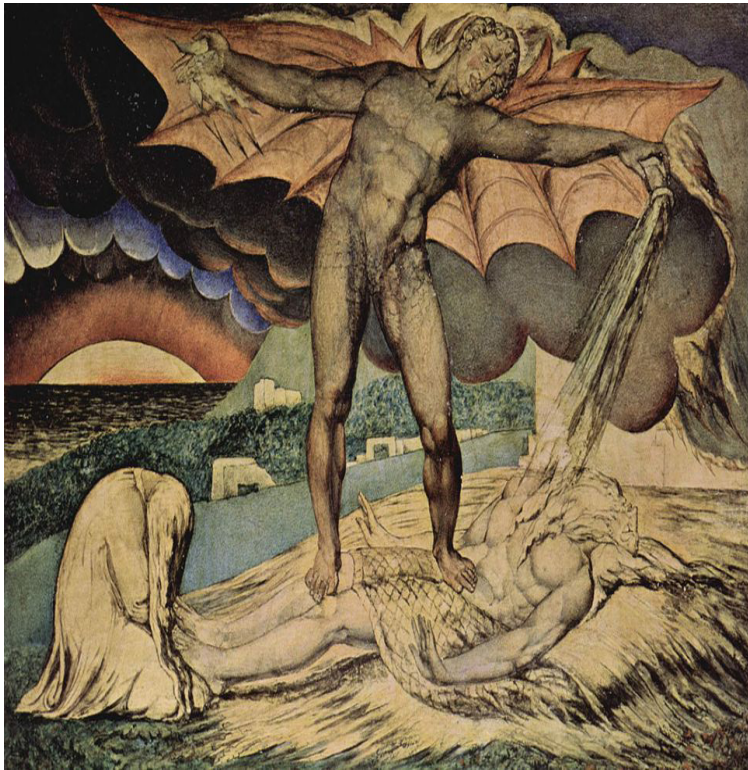
*Machado de Assis e o Livro de Jó.* Agradeço imensamente todas as observações e bibliografias que ela me indicou. Seus conhecimentos de Arqueologia Bíblica e cultura judaica contribuíram para o aprimoramento deste livro. Sou grata ainda, tanto ao monitor da Biblioteca do CEJ (Centro dos Estudos Judaicos), Andy Guedes e ao André Nobre, do grupo Rimomim, como também a todos os pesquisadores que gentilmente me apoiaram e acolheram neste ambiente interdisciplinar de pesquisa.

Desejo a todos , boas leituras!!



# PRIMEIRO CAPÍTULO: BREVES REFLEXÕES SOBRE O LIVRO DE JÓ

Figura 2



William Blake, Satanás feriu Jó com furúnculos , 1826

“Se eu sou algo incompreensível  
Meu Deus é mais  
Mistério sempre há de pintar por aí”  
(Gilberto Gil, “Esotérico”)

Em 1995, perambulando pelas ruas de São Paulo, olhando tudo com os olhos curiosos de turista, andando ao acaso, me vi, de repente, no bairro Bela Vista, em frente a um antigo Hospital desativado. Ali, dezenas de pessoas se aglomeravam, se acotovelavam em uma longa fila, aguardando para ver o espetáculo *O Livro de Jó*, estreado pelo Teatro da Vertigem. A peça, escrita por Luis de Abreu e dirigida por Antônio Araújo, era uma releitura pós-moderna da narrativa bíblica, enfocando de forma metafórica o sofrimento e a angústia em tempos de Aids. Senti que foi um presente do acaso. Comprei o último bilhete e me extasiei com a peça do começo ao fim. Ninguém ficou indiferente às fortes cenas em que o ator Matheus Nasterghael, interpretando Jó, aparece desnudo no palco com o corpo coberto de feridas, gemendo atormentado e amaldiçoando o dia de seu nascimento: “Pereça o dia em que nasci/E desapareça a noite em que se disse: “Um menino foi concebido”. Esse dia seja esquecido/E se torne trevas/E sobre ele não brilhe luz! Que essa noite fique estéril” (ABREU, 1993, p.15).

A plateia se movimentava de lá pra cá , seguindo os atores nos corredores sombrios e labirínticos do velho hospital. Tanto o cenário inóspito como os gritos dolorosos do ator incomodavam a plateia. Tal inquietude dava a dimensão do sofrimento e do desamparo do personagem Jó como metáfora de toda humanidade.

Voltei tarde para o hotel e coincidentemente tinha uma Bíblia, com páginas amareladas, na gaveta da cômoda. Reli com avidez *O Livro de Jó*. Lia e pensava: como é, ao mesmo tempo, belo e desconcertante. Uma poesia de primeiro nível. Desde o início da aposta entre Deus e Satã, passando pelos sofrimentos de Jó, a acusação dos amigos e da esposa, até a manifestação de YHWH e a restauração de Jó, tudo comove e assombra. Como não tinha percebido antes? Só depois de ver no palco o espetáculo do Teatro da Vertigem e a bela encenação de Matheus Nasterghael, na pele de Jó, eu compreendi um pouco mais a dimensão estética e filosófica desta narrativa. Foi o teatro que me ensinou o peso deste texto bíblico-literário. Daí pra frente, comecei a perceber com mais acuidade o quanto as artes e a literatura devem às Escrituras. Vários autores e artistas recolhem os fios misteriosos dos textos bíblicos para tecerem com eles sua arte irreverente.

Quando estive nos Estados Unidos, juntamente com a pesquisadora Eneida Beraldi, para pesquisas sobre Bento Teixeira e também as correspondências entre Machado de

Assis e Oliveira Lima, na Biblioteca Oliveira Lima, em Washington D.C, em 2025, fui abraçada novamente por surpresas, encontros e desencontros em torno do *Livro de Jó*. Fui visitar o museu da Bíblia, próximo ao Capitólio, que abriga a maior coleção privada dos antigos rolos da Torá, aproximadamente do século V AEC. Mesmo não sendo religiosa, fiquei emocionada diante destas preciosidades, mas infelizmente, os pergaminhos de *O Livro de Jó* não pertencem a este acervo. Resolvi então visitar a Galeria Nacional de Arte, pois sabia que lá eu encontraria a pintura “Jó e suas filhas”, criada por William Blake, em 1800. Nesta gravura podemos apreciar um Jó pós-sofrimento, restabelecido e em paz, abrindo os braços para abençoar suas três filhas que o contemplam felizes. Infelizmente, cheguei tarde. O museu estava fechado e eu voltaria ao Brasil no dia seguinte, pela manhã. Desta vez, não tive sorte nem o acaso me amparou como no teatro em São Paulo. Fui tomada de raiva e frustração. Mas voltei a recuperar a paciência de Jó. Sentei-me, então, não no pó da terra, mas num banco de cimento, próximo à Galeria. Lembrei-me de Zygmunt Bauman e sua modernidade líquida. Instabilidade e futuros incertos. Abri meu celular, enquanto eu esperava pelo uber, pude contemplar detalhe por detalhe daquela magnífica obra de arte. Poderia ter feito isto no conforto de casa, em Minas Gerais, comendo meu pão de queijo quentinho, mas quis o destino que fosse

nas proximidades do National Gallery of Art, na terra do Tio Sam, sentada numa praça, mastigando uns pedaços velhos de cookies. Deixo a imagem do quadro aqui para o leitor se extasiar com mais esta arte de William Blake e tirar suas próprias conclusões:

Figura 3



William Blake, *Jó e suas filhas*, 1800.

O *Livro de Jó*, considerado um dos relatos mais poéticos e trágicos da Bíblia, narra a história de um homem “íntegro e reto”, temente a Deus e cumpridor dos deveres familiares e religiosos. No entanto, sua vida muda

drasticamente, ao ser alvo de uma aposta entre Deus (יהוה) e Satã (שטן), Satã argumenta que Jó blasfemaria contra Deus, bastava que o Senhor retirasse dele o que ele mais amava e o cobrisse de chagas. Deus aceita o desafio e só pede a Satã que poupe a vida de Jó. Lembrando que Satã na bíblia hebraica não é o diabo cristão. Satã é o adversário ou o acusador, o que vem à Terra testar nossa fé, diferente de Lúcifer ou o Anjo Caído e rebelde do cristianismo que rege o inferno e açoita as almas penadas.

Assim, depois da aposta, Jó cai em desgraça, perdendo tudo o que tem, tanto os bens materiais, como os filhos e a própria saúde, mas, mesmo assim, durante toda esta provação, ele se mantém fiel aos preceitos divinos, chegando mesmo a inclinar-se no chão, dizendo: “Nu saí do seio de minha mãe/ e nu voltarei para lá/Iahweh o deus, Iahweh o tirou/ bendito seja o nome de Iahweh” (Jó 1,21).

Esta narrativa, que segundo Jung, “serve de paradigma de uma forma de experiência íntima de Deus” (JUNG, 2012, p.18): um ser contraditório “de dupla natureza” (JUNG, 2012, p.39); ou ainda, como quer Victor Morla, uma metáfora dos mistérios divinos, surpreendentes e enigmáticos “donde conviven caos y armonía en un todo indisoluble, pero de equilibrio inestable “ (MORLA,2017, p.13) suscita inúmeros questionamentos de ordem filosófica, espiritual e teológica. Afinal, estamos diante de uma das narrativas mais trágicas e misteriosas da Bíblia

que costuma provocar questões como: Por que Deus fere e castiga os bons e os justos? Por que Deus coloca nossa crença à prova? Por que Deus dá e também retira? Por que a vida do ser humano é curta e cercada de dores e sofrimentos? E mais: por que Deus se mantém em silêncio, não respondendo a nenhuma pergunta de Jó sobre as causas de sua tragédia? Afinal, este personagem, depois de passar por inúmeros tormentos; perder seu patrimônio; chorar a morte dos filhos; ter o corpo coberto de pústula, “chagas malignas, desde a planta dos pés até o cume da cabeça” (Jó 2, 7); enfrentar as desconfianças e os julgamentos críticos dos amigos e da própria esposa, ele finalmente recebe a visita de Deus, que “do seio da tempestade” (Jó 38,1) o recrimina, sem explicar nada sobre a origem do mal e nem o motivo de ter atormentado um homem inocente.

Antes mesmo de restituir-lhe o patrimônio e os filhos, Javé ainda confronta o desolado Jó, vexando-o com dezenas de perguntas, as quais criatura alguma conseguiria responder. Jó, mesmo sabendo ser inocente, não blasfemou contra o Senhor. Humildemente, sentava sobre as cinzas e coçava suas chagas com um caco de telha, dizendo “se recebemos de Deus os bens, não deveríamos receber também os males?” (Jó 2,10). O profeta Ezequiel chega mesmo a mencionar Jó, como exemplo de “virtude” e “justiça”, colocando-o ao lado de Noé e Daniel (Ez 14,20).

Para o filósofo Kierkegaard, Jó representaria as batalhas “monstruosas” e “selvagens” que travamos dentro de nós mesmos, para continuarmos firmes com nossas crenças (KIERKEGAARD, 2009, p. 120). Jó suscita assim reflexões filosóficas contraditórias e duais. Se para o otimista Leibniz, em sua *Teodiceia*, “vivemos no melhor dos mundos”, e Deus, eterno, poderoso e inteligente, “permite que alguns males ocorram para que muitos bens não sejam impedidos” (LEIBNIZ, 2023, p. 34), já para os gnósticos, o mundo material foi criado por um demiurgo mau e perverso, o qual flagela continuamente o ser humano com intempéries e dores. Assim, a narrativa de Jó continua nos provocando e a pergunta que não quer calar ainda nos inquieta: por que Deus permite que os bons e os justos sejam fustigados?

O *Livro de Jó*, em hebraico (איוב, *Iyov*), se encontra na seção dos “Escritos” da Bíblia hebraica (Tanakh) e consta como o primeiro dos livros poéticos e sapienciais do Primeiro Testamento da Bíblia cristã. Mesmo quem nunca leu a Bíblia, conhece, mesmo que rapidamente, um pouco sobre este enredo, afinal, a história de Jó pertence ao imaginário popular, fazendo parte dos mitos literários do mundo ocidental.

Aliás, expressões populares como “Pobre que nem Jó” ou “Tem uma paciência de Jó”, ainda são comuns na

boca do povo, sem contar também a música folclórica *Escravos de Jó*, famosa entre as crianças. Alusões paródicas a Satã, propondo pactos com Deus ou tentando homens semelhantes a Jó, também fazem sucesso até hoje nos cordéis, cantorias e emboladas. São vários os folhetos nordestinos que têm por temática estas referências bíblicas, como os livretos de José Costa Leite: “Satanás trabalhando no roçado de São Pedro”, “A mulher que enganou o diabo”, “O embolador de coco com o diabo”, “o Ferreiro das três idades”, de Natanael de Lima e a peça teatral *Faustino: um Fausto nordestino*, de Elaine Ganem, dentre outros. Estas narrativas populares, mergulhadas nos pactos entre o bem e o mal, numa mescla de humor e misticismo, sagrado e profano, inspiradas tanto em Jó como em *Fausto*, de Goethe, fazem parte da “grande malha de narrativas” que compõem aquilo que a estudiosa Jerusa Pires Ferreira intitulou de “tecido fáustico” (FERREIRA, 1995, p. 24).

Para Stanförd, diante das vertiginosas “atribuições diárias, Jó representaria a humanidade que está à procura de uma resposta para o sofrimento e o mal.” (STANFÖRD, 2003, p. 40). Marc Bochet observa que, se o mito serve como referência em momentos de caos; ele é também uma narrativa que expressa nossos medos e terrores, nossas dores e angústias. Afinal, nos identificamos com os padeceres de Jó, principalmente quando acreditamos que

fomos esquecidos por Deus, restando-nos apenas gritar e lastimar.

Assim, pode-se dizer que *O Livro de Jó*, envolvendo “um herói” ou um anti-herói “desventurado”, seria um relato de intensa “potência mítica” (BOCHET, 1997, p. 525), com um enredo atemporal e fábula instigante. Aliás, o estudioso bíblico, Samuel Terrien, comenta que o prólogo e o epílogo de *O Livro de Jó* “lembram o gênero literário das tradições patriarcais”, com a estrutura próxima a dos contos folclóricos do mundo oriental, os quais empregam forma dialogada, além de que o herói passa da condição de desafortunado a “herói triunfador” (TERRIEN, 1994, p.12).

Para Moshe Greenberg, a poética de *O Livro de Jó* “é uma manifestação corroborada do sublime, no sentido clássico” (GREENBERG, 1997, p. 324). Tanto Haroldo de Campos como Harold Bloom realçam a força estética desta poesia hebraica. Campos enfatiza a sofisticação e complexidade dos versos, que ganham intensidade na presença dos inúmeros paralelismos, dos sistemas melódicos e rítmicos, em que se percebe a potência das “matrizes orais” (CAMPOS, 1993, p.23). Bloom, por sua vez, observa que *O Livro de Jó*, além de ser uma história magnífica e contundente, “constitui o maior triunfo estético da Bíblia hebraica” (BLOOM, 2005, p. 25).

De fato, esteticamente, de *O Livro de Jó*, além de apresentar complexidade narrativa, versos melódicos costurados à metáforas vigorosas, ele também está estruturado à semelhança de uma peça teatral, que lembra as tragédias gregas antigas, apresentando, segundo C. Hassell Bullock “a prologue (Job 1:1-2:13) and epilogue (Job 12:7-17) consists of a narrative concerning Job’s undeserved tragedies and final restoration. The poetic body of the work contains dialogues between Job and his friends (Job 3:1-31:40) and between Job and God (Job 38:1-42:6)” (BULLOCK, 2007, p.87). Já para Shimon Bar-Efra, em *Jó* há uma estrutura dual, movida pela ação e a contra-ação, a qual ampara toda a narrativa, mas não se pode perder de vista que há “the immense difference between the two sides, man and God” (1989, p.110). Robert Alter, por sua vez, comenta que este livro faz parte das boas tramas literárias da Bíblia, ou seja, “tem muita coisa a ensinar a qualquer pessoa que se interesse por narrativa”, pois, embora pareça simples, “apresenta muitas possibilidades de análise, sendo maravilhosamente complexa” (ALTER, 2007, p. 10). Afinal, como bem afirmou Suzana Chwartz, “a Bíblia hebraica emerge de um caleidoscópio multimetodológico, sendo um documento essencialmente humano, que registra o anseio do homem para compreender Deus, as relações humanas e a história de um povo” (CHWARTS, 2008/a, p.42).

Desta forma, esta força filosófica, poética e mítica de *O Livro de Jó*, esta tentativa de “compreender Deus e um povo”, por meio de uma história milenar e desconcertante, se apresenta, assim, como “obra aberta”, na feliz acepção de Umberto Eco, ou seja, com várias alternativas de análises e interpretações, como apontou também Robert Alter. *O Livro de Jó* vem provocando a imaginação de inúmeros poetas e artistas ao longo dos tempos, uma vez que, como bem apontou Erich Auerbach, em seu clássico *Mimesis*, a beleza e a complexidade dos personagens bíblicos, se dão pela “profundidade de contrastes” e “camadas simultaneamente sobrepostas da consciência e o conflito entre as mesmas” (AUERBACH, 2009, p.9).

Camões, por exemplo, no período renascentista, parafraseou, em um de seus sonetos, as lamentações de Jó. O eu lírico que, ao se ver confrontado com a dor, amaldiçoa o dia de seu nascimento: “O dia em que eu nasci, moura e pereça/não o queira jamais o tempo dar/ não torne mais ao mundo, e, se tornar/eclipse nesse passo o sol padeça” (CAMÕES, 1988, p.36).

Na Alemanha do século XIX, Goethe apresenta, em seu famoso *Fausto*, “O Prólogo no céu”, em que Mefistófeles, parodiando o Satã bíblico, ou o Adversário, pede permissão ao Altíssimo para estabelecer um pacto com Fausto: “Se o permitirdes, tenho em mira/levá-lo pela

minha estrada” (GOETHE, 2004, p.55). Margarete Susman, em 1946, escreve um ensaio filosófico-poético, em que Jó seria a metáfora do povo hebreu no exílio e Elie Wiesel em 1975, com *Célébration Biblique*, retoma as dores de Jó como alegorias do antissemitismo e da Segunda Guerra, bem como os milhares de Jós que perderam a vida nos Campos de Concentração. Honoré de Balzac, no século XIX, nos apresenta aos sofrimentos de Coronel Chabert decalcados nas desgraças de Jó.

Já o artista romântico Willian Blake recriou de forma bela e ácida, por meio de 22 gravuras entalhadas, cenas de um Jó que protesta contra as arbitrariedades de Deus, algumas delas podem ser apreciadas aqui neste livro. Em 2009, o filme *Um Homem sério*, dirigido pelos irmãos Coen, indicado ao Oscar de melhor roteiro original, apresenta a vida tragicômica do professor de física Larry, numa releitura pós-moderna de Jó, que, inconformado com as atribulações de sua vida, tenta buscar respostas divinas para seu sofrimento, consultando os rabinos da sua comunidade judaica. No teatro, o escritor francês Fabrice Hadjadj, em 2011, brindou o público com a peça *Jó ou a tortura pelos amigos*, que, segundo Luiz Felipe Pondé, há “várias referências a males contemporâneos entrecruzados com males clássicos da literatura bíblica” (PONDÉ, 2017, p.8).

Também no Brasil, escritores, poetas e artistas se deixaram seduzir pelas vicissitudes imerecidas de Jó. O Teatro da Vertigem, por exemplo, em 1995, ganhou o prêmio Shell de melhor espetáculo e direção, ao levar para um hospital desativado de São Paulo, *O Livro de Jó*: personagem brilhantemente interpretado por Matheus Nachtergaele, com roteiro de Luís Alberto de Abreu. Realmente uma obra prima do teatro brasileiro, como comentei anteriormente.

No parnasianismo do século XIX, a poeta Francisca Júlia menciona Jó em um dos seus mais conhecidos poemas, intitulado “Musa Impassível”. O eu lírico, diante da objetividade e do rigor formal parnasiano, fica imune e indiferente às emoções, mesmo diante das agruras de um Jó: “Musa! Um gesto sequer de dor ou de sincero/ Luto jamais te afeie o cândido semblante!/ Diante de um Jó, conserva o mesmo orgulho;/ e diante de um morto, o mesmo olhar e sobrececho austero” (JÚLIA, Francisca, 1962, p.78).

O simbolista Wenceslau de Queiroz, por sua vez, em seu poema “A mulher de Job”, faz uma releitura irônica e paródica da fala da esposa deste trágico homem, dando voz e vez a esta personagem secundária da narrativa bíblica: “Disse-lhe, então: \_ ‘Amaldiçoa a Deus e morra!/ Desengana-te, Job! Que Deus não te socorre!’” (QUEIROZ,

1939, p.29). Já, na poesia moderna, Adélia Prado, com seu poema “A história de Jó”, revela, pelas linhas de seus marcantes versos, um eu lírico em grande angústia e descrente da bondade de Deus: “Tem piedade de nós/ dá um sinal de que não foi um erro/ ilusão de medrosos/ fantasia gerada na penúria/ a crença de que sois bom” (PRADO, 1999, p.53).

No que diz respeito às adaptações e traduções de *O Livro de Jó*, lembremos-nos de José Elói Ottoni e Lúcio Cardoso. Ambos fizeram primorosas traduções deste enredo bíblico. Ottoni traduziu seu Jó versificado, em 1852, pela editora carioca Typographia Brasiliense. O volume ganhou nova edição em 1993, saindo pela editora Loyola, com estudo introdutório de Haroldo de Campos, que observou: Ottoni fez uma opção pelo decassílabo, que, “em muitos momentos, sem relaxar a tensão formal forneceu-lhe o instrumento para replicar com dignidade estética a sublime poesia do Séfer Há’lyyov” (CAMPOS, 1993,p.25). Já a tradução de Lúcio Cardoso saiu publicada em duas edições pela José Olympio, a primeira em 1943 e a segunda, em 2022 e faz parte da Coleção Rubáiyát: um livro belo e artístico, elaborado em versos livres, com ilustrações de Alix de Fautereau.



## SEGUNDO CAPÍTULO: JEOVÁ RESPONDE EM VERSOS

Figura 4



William Blake, Deus responde a Jó no meio do redemoinho, 1805

“Busco um ombro, um colo pra chorar  
Um pedaço de terra pra eu poder me amar  
Mas onde Deus possa me ouvir  
Onde Deus possa me ouvir”  
(Vander Lee, “Onde Deus possa me ouvir”)

Machado de Assis, escritor que nos interessa com mais acuidade neste texto, também não ficou imune à intrigante poética de *O Livro de Jó*. Em novembro de 1881, Machado publicou uma poesia com o singelo nome de “Soneto”, em que ele elabora uma adaptação do capítulo 38 de *O Livro de Jó*. Segundo relata Magalhães Júnior, tal poema, até hoje pouco conhecido dos leitores e estudiosos do Bruxo do Cosme Velho, saiu publicado pela primeira vez “no jornal maranhense A Civilização”. Segundo ainda Magalhães Júnior, a descoberta deste soneto se deve a “Josué Montello, quando realizava pesquisas sobre Aluizio Azevedo naquela publicação” (MAGALHÃES JÚNIOR, 2008, p.24). Quando “Soneto” foi publicado, “Machado tinha 42 anos, portanto, um escritor caminhando para a maturidade intelectual, em vias de publicar, em formato de livro, seu romance revolucionário *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Claudio Murilo Leal assevera que, na poesia machadiana madura, podemos constatar as “preocupações formais” deste poeta, que se aproximam dos “procedimentos parnasianos, ao manejar com técnica

invejável a construção do verso” (LEAL, 2008, p.12).  
É o que observamos, por exemplo, ao ler as estrofes de  
“Soneto”. Como este poema é raramente lido ou citado,  
resolvemos reproduzi-lo aqui, antes de nossas análises:

## **SONETO**

(Job, XXXVIII)

E falou Jeová dentre uma escura  
Nuvem de tempestade: — Quem é este  
Que escreveu a verdade alva e celeste  
Com as palavras vãs que lhe mistura?

Cinge os teus lombos, homem: e, se houveste  
Clara razão, responde-me: — na altura  
Quem fez o sol? Quem pôs a terra dura?  
Quem as estrelas de que o céu se veste?

Quem as nuvens soprou no azul espaço?  
Quem o mar limitou no abismo enorme?  
Quem à terra lançou o andar a passo?

Onde eras tu, quando era tudo informe?  
Que sabes tu do misterioso laço  
Que une o que vive ao que perpétuo dorme?

(ASSIS, 2008, p.733).

Poucos sabem, mas Machado de Assis começou sua carreira literária como poeta, publicando seus primeiros versos intitulados de “À Ilma. Sra. D.P.A”, na imprensa carioca, quando ele tinha apenas 15 anos de idade. Machado escreveu ao todo quatro livros de poesia: *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875) e *Poesias Completas* (1901), no qual se encontra também *Ocidentais*. Há ainda dezenas de poemas dispersos em jornais cariocas. Este Machado inicial, destas primeiras rimas, esquecido por muitos anos no universo acadêmico, já que grande parte dos estudos envolviam apenas seus romances e contos, vem, na atualidade, despertando várias pesquisas, os quais ampliam nossa compreensão sobre este Machado lírico. Como bem asseverou José Américo Miranda, o autor de “A Carolina” “não apenas começou a sua vida de escritor publicando poesias, ele foi poeta do início ao fim de sua trajetória” (MIRANDA, 2020, p.141). Wilton José Marques, em seu premiado volume *Machado de Assis e as primeiras incertezas*, comenta que, embora não haja como negar que são os romances de maturidade que projetaram internacionalmente o Bruxo do Cosme Velho, a crítica precisa levar em conta também “o percurso formativo, incluindo-se aí os mais aparentes influxos e as obras menores e/ou não publicadas” (MARQUES, 2022, p.25), já que tais estudos poderão contribuir para ampliar o nosso entendimento sobre este autor.

Os poemas machadianos, aliás, nos revelam um autor com intensa bagagem literária, dialogando com vários escritores canônicos como Shakespeare, Dante, Camões, Antônio José, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo. De suas poesias também ecoam um Machado, leitor atento da Bíblia. Poemas como “ O Dilúvio”, “A cristã-nova”, “ Antônio José”, “ O profeta”, “ A morte no calvário”, “Os semeadores”, apontam a proximidade do escritor de *Dom Casmurro* com as sagradas escrituras. Miguel Reale chama a atenção para o fato de que Montaigne, Pascal, Schopenhauer, e principalmente “os ensinamentos amargos do *Eclesiastes*” (REALE, 1982, p.10), colaboraram para que Machado tivesse uma interpretação pessimista dos homens e do mundo. Mas se o autor de *Quincas Borba* era um assíduo leitor do *Eclesiastes*, fazendo deste livro, sua leitura de cabeceira, diluindo o ceticismo do *Qohelet* pelas páginas de seus principais romances, não se pode esquecer que ele era também um autor obcecado pelo *O Livro de Jó*. Aliás, o nome Job foi, segundo Galante de Souza (1955), um dos pseudônimos adotado por Machado para escrever crônicas no *Jornal das Famílias*, entre 1865 e 1875, além de duas “Cartas Fluminenses”, no *Diário do Rio de Janeiro*, em 1867.

Em 1873, ele também escreveu um conto intitulado “Parasita azul” em que o personagem Camilo, depois de

ser obrigado a deixar a vida de *Bon vivant* na França e voltar para Goiás, a pedido do pai, se sente entediado e infeliz. Camilo ressalta, de forma exagerada, que os infortúnios descritos em *O Livro de Jó* seriam apenas “um pálido esboço” comparados à sua tristeza longe de Paris (ASSIS, 1994, p.161).

Além disto, o Bruxo do Cosme Velho, depois de ter publicado o poema “Soneto”, também irá semear algumas citações de *O Livro de Jó* pelos romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e pelos contos “A segunda vida”, “Viver” e “A Igreja do diabo”.

*O Livro de Jó*, ao lado de *Eclesiastes*, sempre foram leituras constantes do Bruxo do Cosme Velho. Jean-Michel Massa em “A biblioteca de Machado de Assis”, ao fazer o inventário da biblioteca machadiana, comenta que, no que diz respeito às obras religiosas, encontra-se, ao lado das *Confissões de Santo Agostinho* e *Histoire Littéraire de l’Ancien Testament*, de Th. Noldeke, a *Bíblia Sagrada*, traduzida em português, segundo a vulgata latina, por Antônio Pereira de Figueiredo, editada em 1866, em Londres, pela Oficina de Harrison e Filhos.

Desta forma, observamos que Machado fazia leituras assíduas dos Testamentos, dialogando com eles em vários momentos de sua obra literária. Dentro deste imaginário judaico, pode-se dizer que *O Livro de Jó* seria

uma das narrativas bíblicas, ao lado do *Eclesiastes*, que mais seduziram o autor de *Quincas Borba*. Considerando a intertextualidade como interação ou diálogos entre textos, ou como bem apontou Kristeva de que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade” (KRFISTEVA, 1974, p.64.), observamos que Machado foi buscar os fios das tradições bíblicas para tecer sua obra literária.

É provável que, grande parte de seu pensamento cético, irônico e pessimista diante da vida, como nestes famosos trechos de *Memórias Póstumas*: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” (ASSIS, 1994, p.639) ou “Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes” (ASSIS, 1994, p. 549), tenham sido moldados durante as leituras de *Eclesiastes* “ vaidade das vaidades, tudo é vaidade” (Ecl1,2) e *O Livro de Jó* “Pereça o dia em que nasci,/a noite em que se disse: ‘um menino foi concebido!’” (Jó 3,3)

Voltando ao poema “Soneto”, observamos que o criador de *Capitu* maneja a reescrita ou a adaptação do capítulo 38 de Jó, estabelecendo o “escriptível”, que nas

palavras de Compagnon, seria aquele livro do qual sentimos vontade de tê-lo como modelo e do qual a reescrita ou “a escrita mantém uma relação privilegiada de ligação ou de afinidade eletiva” (COMPAGNON, 1966, p.32).

Esta afinidade eletiva ou admiração incondicional por algumas histórias bíblicas, levou Machado a adaptar ou recriar, de forma reverente, o capítulo 38 de *O Livro de Jó*, encaixando os 41 versículos bíblicos nos 14 versos do soneto tradicional, divididos em dois quartetos e dois tercetos, com melodia rítmica do decassílabo heroico e esquema rímico ABBA/BAAB/CDC/DCD. Pode-se dizer que esta “reescritura” de *O Livro de Jó* demonstraria, com engenho e arte, as preferências filosóficas e literárias “escreptíveis” de Machado de Assis. Interessante que Machado deixa o título deste poema com o singelo nome de “Soneto”, cujo significado, segundo o *Dicionário de termos literários*, seria um pequeno som, uma “melodia” ou uma “canção” (MOISÉS, 1985, p.480). É como se YHWH (יהוה) soprasse ou sussurrasse aos ouvidos de Jó, de dentro de uma espessa nuvem escura, 64 perguntas provocadoras do capítulo 38, que Machado consegue com maestria e concisão reduzir para apenas 9 indagações no apertado espaço poético do seu soneto.

Atentemos também para a epígrafe (Jó, 38), no qual Machado pinça e enxerta frases de outrem antes de iniciar

o poema, como se fora pequenos “ornamentos retóricos”, diria Compagnon (COMPAGNON, 1996, p.28). Ou ainda como reflete Audrey Miasso, quando observa que o diálogo que a epígrafe machadianas estabelece com outros textos “altera os dois textos, tanto a epígrafe, que é recortada de seu “original”, quanto o poema, que ao abrigar essa epígrafe faz emergir um novo sentido para seus versos” (MIASSO,2017, p.27).

De fato, no poema machadiano, por exemplo, emergem um novo Jeová e um novo Jó, recriados por Machado. Nas estrofes do poema são feitas, não centenas de perguntas como Deus propôs a Jó na Bíblia, só interessa a Machado o capítulo 38, reduzindo-o a apenas 4 perguntas nos dois primeiros quartetos e 5 perguntas nos dois tercetos finais. Tais perguntas com repetição enfática da consoante oclusiva “Q” como se lê em “Quem” e “Que”, bem como o som vocálico fechado da vogal “u”, encontrado nas rimas “escura/ mistura/ altura/ dura/”, emprestam um tom abafado e constritivo ao interrogatório de Javé. Intrigante que, na adaptação do poema, Machado prefere chamar Deus pelo nome de Jeová, como se aproximasse dele, nomeando-o, demonstrando, assim, certa intimidade, recusando, portanto, o uso do termo “Senhor”, mas genérico, como aparece traduzido em sua Bíblia por Antônio Pereira de Figueiredo.

Interessante que Machado, dentre as várias cenas intrigantes que compõem *O Livro de Jó*, que vão do pacto entre Deus e Satã, passando pelos tormentos do personagem; a presença acusatória da esposa e dos amigos *Elifaz, Bildade e Zofar* bem como a visita inesperada do jovem Eliú até a manifestação de Deus, Machado opta por esta última. A parte da Teofania, ou a aparição de uma divindade de forma observável, foi a passagem literária que mais seduziu Machado. Este autor também prefere que Deus se manifeste a Jó em uma “escura/nuvem de tempestade” e não como consta em sua Bíblia, de 1866, “do meio de um redemoinho” (Jó, 38,1). Ora, na escolha entre estes dois verbetes, “tempestade” ou “redemoinho”, Machado optou pela força imagética da “escura/ nuvem de tempestade”, já que esta expressão comunica de forma mais intensa e ameaçadora o peso da palavra divina, que vem impregnada de medo e apreensão, daí a importância de Jó “cingir os lombos”, ou seja, apertar o cinto da roupa e se preparar para o grande desafio que virá em forma de inúmeras perguntas.

E mais: a leitura deste verso, em que Jeová se manifesta na “escura/nuvem de tempestade”, também remete o leitor a outras teofanias tão assombrosas como esta que estremeceu Jó. Não podemos deixar de mencionar, por exemplo, a admirável aparição de Deus a Moisés, também

em forma de nuvem, na porta do Tabernáculo, como se lê em Êxodo 40, 34-35:

A nuvem cobriu a Tenda da Reunião, e a glória de Iahweh encheu a Habitação. Moisés não pode entrar na Tenda da Reunião, porque a nuvem permanecia sobre ela, e a glória de Iahweh enchia a Habitação.

Talvez a mais conhecida e a mais espetacular das teofanias, que revelaram o poder e a força de Deus, no Primeiro Testamento, seja a aparição do “Anjo de Iahweh” a Moisés. Este lhe “apareceu numa chama de fogo, do meio de uma sarça”. Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia” (Ex. 3, 2).

Aliás, a teofania, ou a irrupção do sagrado no mundo profano, ou esta manifestação tangível da divindade seria, de acordo com Mircea Eliade (1994), uma forma também de transformar o caos em cosmos. Se no capítulo 38, Deus interpela Jó sobre, por exemplo, a sobrevivência de alguns animais como a leoa e o corvo: “ Porventura caçarás tua presa para a leoa, e saciarás a fome de suas crias? “ ( Jó 38, 39) e “ Quem prepara ao corvo o seu sustento, quando os seus filhinhos vagueando, gritam a Deus por não terem o que comer? ( Jó 38, 41), em seu poema, Machado prefere as indagações sobre alguns elementos primordiais da criação do mundo.

Tal cosmogonia está presente também em *Gênesis*, como a luz do sol e das estrelas, a terra dura, as nuvens brancas e a imensidão do mar, como se pode ver nas perguntas: “Quem fez o sol? Quem pôs a terra dura?/ Quem as estrelas de que o céu se veste?/ Quem as nuvens soprou no azul espaço? / Quem o mar limitou no abismo enorme?” (ASSIS, 2008, p.733).

Aliás, todo este interrogatório de Deus a Jó seria, segundo Jack Miles, um dos discursos mais “esmagadores” de toda a Bíblia. “Se fossem musicados, nada, a não ser a Sagração da primavera, de Igor Stravinsky, chegaria perto do seu poder avassalador” (MILES, 2009, p. 394). Afinal, não se pode esquecer como bem comenta Moshe Greenberg, “a poesia de Jó é sempre assombrosa em sua inventividade”, além de permitir “possibilidades múltiplas de interpretação, correspondendo à visão de realidade aberta e não resolvida do autor” (GREENBERG, 1977, p.126).

Para Almeida Pereira, na última estrofe do poema machadiano, Deus desloca o homem do centro para a periferia do universo, revelando-lhe sua insignificância diante da complexidade da vida: “Onde eras tu, quando era tudo informe?”(ASSIS, 2008, p.733). Se nem Jó nem a humanidade existiam quando Deus criou o universo, como exigir justiça e ainda reclamar da existência do mal na terra? Assim, Javé , mais uma vez, questiona Jó: “onde eras tu, ou onde estavas tu, quando Eu fiz tudo?”

Ainda para Moshe Greenberg, o Deus de Jó, diferentemente da revelação contida em *Gênesis*, “cuja meta e coroamento é o homem”, o qual deveria exercer domínio sobre todos os animais da terra, Jó, representando a espécie humana, fica em segundo plano já que, ao “desconsiderar o homem, o autor rejeita o antropocentrismo de todo o resto da escritura” (GREENBERG, 1997, p. 321). Deus perturba, assim, o narcisismo de Jó, propondo que ele esqueça um pouco de si e de sua dor e contemple a natureza e seus misteriosos fenômenos.

Na Bíblia, o próprio Jó reconhece sua pequenez diante dos poderes divinos, quando humildemente desabafa: “Eis que falei levemente: que poderei responder-te? Porei minha mão sobre a boca; falei uma vez, não replicarei; duas vezes, nada mais acrescentarei” (Jó, 40, 4-5).

Gosto de pensar que Javé deixa em *O Livro de Jó* um recado inadiável para o homem contemporâneo. Em tempos de crise climática e eventos extremos, os quais levam inúmeros animais e plantas à extinção, precisamos redefinir a nossa relação com a flora e a fauna terrenas. Neste sentido, as palavras do pensador indígena Ailton Krenak ressoam como um oráculo com pitadas de *O Livro de Jó*. Em seu importante livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, ele reafirma que precisamos urgentemente contemplar a natureza e respeitá-la, pois “hoje estamos

todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda” (KRENAC, 2020, p. 48).

Os dois últimos versos do soneto machadiano, também conhecidos na poética parnasiana como o “fecho de ouro”, ou “chave de ouro”, deve concluir, com certa grandiosidade, o tema principal tratado ao longo das estrofes anteriores. No soneto machadiano, Deus provoca Jó com um último e mais difícil interrogatório, terminando por apresentar-lhe a mais complexas das perguntas, que nos remete às contradições que costuram a narrativa de *O Livro de Jó*, tais como Deus X Satã , Deus X homem, riqueza X pobreza, dentre outras. Se lermos o poema à luz das oposições e contrastes, como comentou antes Shimon Bar-Efra, veremos que as antíteses atravessam também o poema machadiano, desde o primeiro verso como “Jeová X Jó”, “verdade celeste X palavras vãs”, caos (tudo era informe) X Quem fez (cosmos), até as duas últimas estrofes, culminando com as questões mais complexas sobre a vida e a morte: “Que sabes tu do misterioso laço/ que une o que vive ao que perpétuo dorme”?

O que uniria os vivos aos que estão mortos? Esta é uma das questões que desassossegou Machado de Assis em vários momentos de sua literatura. Se o que une os vivos aos mortos é que todos participam da história da humanidade, para Machado, vivos e mortos podem

fazer parte, como personagens, de sua ficção, haja vista o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, com o famoso “defunto autor”, em que o narrador melancólico e sarcástico conta sua história a partir do ponto de vista de quem já morreu. Tem razão Manuel Bandeira quando afirma que “o pessimismo irônico e o estilo nu e seco da segunda fase machadiana já se prenunciam em alguns de seus poemas” (BANDEIRA, 1994, p.111).



# TERCEIRO CAPÍTULO: RASTROS DE O LIVRO DE JÓ NA PROSA MACHADIANA

Figura 5



William Blake, Desespero de Jó , 1805.

“Se eu quiser falar com Deus  
Tenho que aceitar a dor  
Tenho que comer o pão  
Que o diabo amassou”  
(Gilberto Gil, “Se eu quiser falar com Deus”)

Rastros em *O Livro Jó* irão percorrer, um mês depois da publicação de “Soneto”, em 1881, o mais revolucionário e zombeteiro texto machadiano: *Memórias Póstumas* de Brás Cubas. José Guilherme Merquior comenta que o que predomina neste romance notável é o sarcasmo e o “tom bufo”, permeado de “piparotes no leitor” e quase “nenhum sentimento, nenhum valor ou conduta escapam a essa chacota corrosiva” (MERQUIOR, 1972. p. 14). Já para Antonio Candido, estamos diante de uma obra “lúcida e desencantada”, que apresenta “os tormentos do homem e as iniquidades do mundo”, “sob um aspecto nu e sem retórica” (CANDIDO, 1995, p.27). Nesta obra, temos a famosa e humorística dedicatória de Brás Cubas, endereçada ao verme “que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver” (ASSIS, 1994,p.511) que bem poderia ser reminiscências deste trecho de *O Livro de Jó* “Digo ao verme: tu é minha mãe e minha irmã” ( Jó 17, 14). E o que dizemos do delírio de Brás Cubas com o hipopótamo? Seria o hipopótamo uma homenagem de

Machado ao Behemoth, aquele monstro lendário com forças desproporcionais, “obra prima da natureza”, de “ventre musculoso” e “ossos que são tubos de bronze” que aparece em Jó 40: 15-24? O espírito de Brás Cubas se vê montado neste fascinante animal que teve forças suficientes para arrebatá-lo “à origem dos séculos”, os quais desfilaram a seus olhos “num turbilhão” de “flagelos e delícias “toda a humanidade desesperada, envolta na Natureza que é mãe mas também inimiga” (ASSIS, 1994, p.521). Neste momento, o narrador desnorteado com as alucinações, depois de sofrer dores insuportáveis; mesclar gritos angustiados com risos espasmódicos e estúpidos, de forma irônica, se lembra de Jó, quando este amaldiçoara “o dia em que fora concebido.” (ASSIS, 1994, p.523)

Segundo Roberto Schwarz, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, Machado estabelece, no início deste romance, um jogo intertextual paródico e humorístico com as Sagradas Escrituras, ao dizer de forma cortante “Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no introito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco.” (SCHWARZ, 2000, p.16)

Nesta segunda fase, Machado, tal qual Balsac, reinterpreta a bíblia de forma audaciosa, ou seja, “desacraliza os personagens bíblicos”, não procurando neles significados místicos ou transcendentes, em sua extensa comédia humana. (MELLO, 2024 p.13)

Se para Bakhtin, a paródia ou a carnavalesação seria uma visão de mundo “às avessas”, em que “as relações humanas, totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à igreja e ao Estado: pareciam ter construído, ao lado do mundo oficial, um segundo mundo e uma segunda vida [...]” (BAKHTIN, 2008, p. 5). Machado estabelece, portanto, esta desconstrução, profanando e transgredindo a Bíblia, em *Memórias Póstumas*, por meio do riso e da ironia.

Os ecos de *O Livro de Jó*, marcados por dúvidas existenciais, podem ser também ouvidos em *Dom Casmurro*. Helen Caldwell em *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*, chama nossa atenção para o fato de que o “ciúme nunca deixou de fascinar Machado de Assis” (CALDWELL, 2002, p. 18). Este fascínio também se traduz em dor. Muitos de seus personagens são corroídos por este sentimento, como por exemplo, Bentinho, o qual atormentado por um possível adultério de Capitu se deixa fustigar pelas incertezas aterrorizantes que o corroem ao imaginar que seu primogênito Ezequiel era, na verdade, filho de Escobar, seu melhor amigo. Além disto, o personagem Padre Cabral, “que levava tudo para a escritura”, ao se referir ao vizinho Pádua, pai de Capitu, cita “a lição de Elifaz a Jó”, “Não desprezes o coração do senhor; Ele fere e cura” (ASSIS 1994, p.826). Infelizmente não curou os excessos de ciúme

do personagem Bento Santiago que termina seus dias recluso e solitário, remoendo a dor da rejeição.

Assim, concordamos com Fábio Figueiredo Camargo para quem Machado de Assis é um “escritor de um texto amargo e denunciador” e que só interessa ao personagem-escritor “o jogo literário e suas diversas formas de expressão” (CAMARGO, 2005 p.78).

Machado de Assis também faz menção ao *O Livro de Jó* em mais três contos: “A segunda Vida” (1884) “Viver”(1896) e “A Igreja do Diabo” (1884). Tanto o primeiro como o segundo contos pertencem ao gênero fantástico e, no que diz respeito a rápida referência ao personagem Jó, eles estabelecem diálogos parafrásicos com a Bíblia, uma vez que as menções feitas àquele personagem comparecem, ora como sinônimo de paciência, ora como sofrimento. Em “A segunda vida” temos um personagem, José Maria, supostamente louco, que acredita ter reencarnado e que se lembra de sua vida pregressa. Em um dado momento, ele confessa ao Monsenhor Caldas que antes de voltar à Terra, perguntaram-lhe se queria “nascer mendigo ou potentado” o que ele respondeu que lhe era indiferente , desde que nascesse “experiente”. As almas deram risadas ao ouvir tal desejo. Jó, que neste mundo espiritual coordena a província dos pacientes, diz a José Maria que um tal desejo era um “disparate”, mas o aloprado José Maria teimou e venceu (ASSIS, 1994, p.441).

Já o conto dialogado “Viver”, que mais se parece com uma peça teatral, Ahasverus, também conhecido como o Judeu Errante, mantém uma conversa delirante com Prometeu, personagem mítico grego. Os dois foram punidos por desobediência e afronta. Ahasverus, por ter empurrado Cristo, foi condenado a caminhar eternamente. Prometeu foi amarrado ao Cáucaso e teve o fígado devorado por 5 mil anos por ter ensinado os homens a fazer o fogo. Ahasverus sonha e delira, acreditando que este é seu último dia na terra, mas Prometeu profetiza que ele viverá mais outros milhares de anos e será “Rei eleito de uma raça eleita”. Prometeu também lhe assegura que isto só será possível pelo fato de o Judeu Errante ter conhecido todos os povos, todas as guerras e doenças, todas as experiências humanas, com suas contradições e dualidades, além da “dança alternada da natureza, que dá a mão esquerda a Jó e a direita a Sardanapalo” (ASSIS, 1994, p.566). Neste universo machadiano tão contraditório e antagônico, Jó representaria tanto o personagem com paciência infinita, mesmo diante dos desatinos do louco José Maria, como também os povos íntegros e retos que se contrapõem a Sardanapalo, metáfora dos luxuriosos e os decadentes.

Já no conto “A Igreja do Diabo”, temos um Machado irreverente, parodiando a aposta entre Deus e Satã que acontece no início de *O Livro de Jó*. Se na Bíblia, o

Adversário quer testar o caráter religioso de Jó, no conto machadiano, o diabo quer criar sua própria igreja na Terra para testar a fé e a fidelidade, não de apenas um homem, mas da humanidade toda. O diabo observa que o preço que se paga para ir para o céu é alto, exige muito esforço dos fiéis. O demo propõe assim “hospedaria barata”, mas organizada e de fácil acesso (ASSIS, 1994, p.370). Machado ri das convenções e burocracias religiosas, afinal, se todos podem abrir uma Igreja, porque Satã não poderia ter a sua também? Ao final, o diabo, vejamos só, se decepciona com a condição humana, que lhe parece tão dúbia e paradoxal como a própria vida, uma vez que Deus ensina o bem, os homens fazem o mal; o diabo ensina o mal, os homens fazem o bem. Deus em sua “infinita complacência”, vendo a “agonia satânica”, resume e conclui a insólita narrativa com uma lição filosófica; “Que queres tu, meu pobre diabo? As capas de algodão tem agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? É a eterna contradição humana” (ASSIS, 1994, p.374). Para Machado, as religiões que não compreendem que a alma humana é coberta de incoerências e antíteses está fadada ao fracasso. Daí porque Antonio Candido nos recomenda a ler os textos machadianos “não com olhos convencionais”, uma vez que o Bruxo do Cosme Velho não reinterpreta nem a Bíblia nem os clássicos

com olhos ingênuos, mas nos apresenta uma obra em que os “fenômenos da ambiguidade” povoam sua ficção, “obrigando a uma leitura mais exigente, graças à qual a normalidade e o senso das conveniências constituem apenas o disfarce de um universo mais complicado e, por vezes, turvo” (CANDIDO, 1995, p.24).

A Igreja do diabo nos remete, assim, novamente a este universo ambíguo costurado de humor e de zombaria, naquilo que Bakhtin chama de carnavalização, em que as relações humanas são vistas pelo seu aspecto brincalhão, “no seu alegre relativismo (...)” que nos leva a “um riso ambivalente, alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente” (BAKHTIN, 2008, p.10).

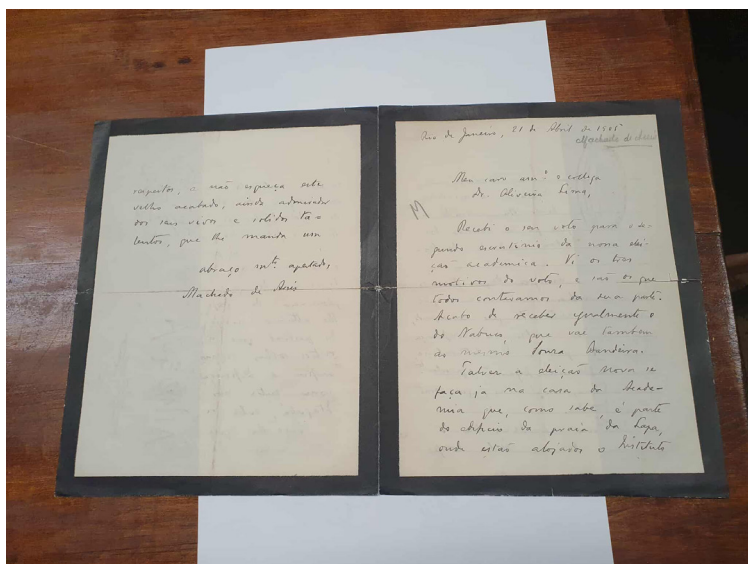
Assim, se para Claudio Leal, em Machado, “o prosador e o poeta se completam numa originalíssima visão de mundo” (LEAL, 2008/a, p.13), também não se pode desconsiderar que Machado demonstra fôlego ao mergulhar nas águas bíblicas, para beber tanto na fonte da paráfrase, como fez em “Soneto”, como para se saciar nos rios da paródia, como procedeu em *Memórias Póstumas, Dom Casmurro e Igreja do Diabo*. Assim,

ora reverenciando, ora profanando a história de Jó, O Bruxo do Cosme Velho se destaca como um dos mais refinados autores com conhecimento expressivo das narrativas bíblicas, reelaborando-as com a alquimia de suas inteligentes metáforas.

Alguns ecos do sofrimento de Jó podem ser também percebidos em algumas de suas cartas, logo após ele ficar viúvo, solitário e a epilepsia se agravar consideravelmente, afetando sua vida cotidiana e seu trabalho. Quando estive juntamente com a pesquisadora Eneida Beraldi na Biblioteca Oliveira Lima, nos Estados Unidos em 2025, pesquisando tanto sobre Bento Teixeira como sobre as cartas que Machado enviou ao diplomata e professor Oliveira Lima, pude apreciar algumas correspondências inéditas, que ainda não tinham sido digitalizadas, mas acredito que agora já devam estar no site desta biblioteca. É sempre uma emoção ver a letra pequena e caprichada do autor de *Memórias Póstumas*.

Nesta curta carta de 1905, que tive licença para fotografar, podemos ver um Machado preocupado tanto com as burocracias da Academia brasileira de letras, como também um homem adoentado e queixoso de sua velhice solitária.

Figura 5



Acervo pessoal da autora.

Infelizmente, Machado, depois de ter reconhecimento em vida como um dos mais importantes escritores brasileiros, teve um fim triste e melancólico. Lúcia Miguel Pereira comenta que, desde a morte de sua esposa Carolina, sua saúde se tornou precária e muitos

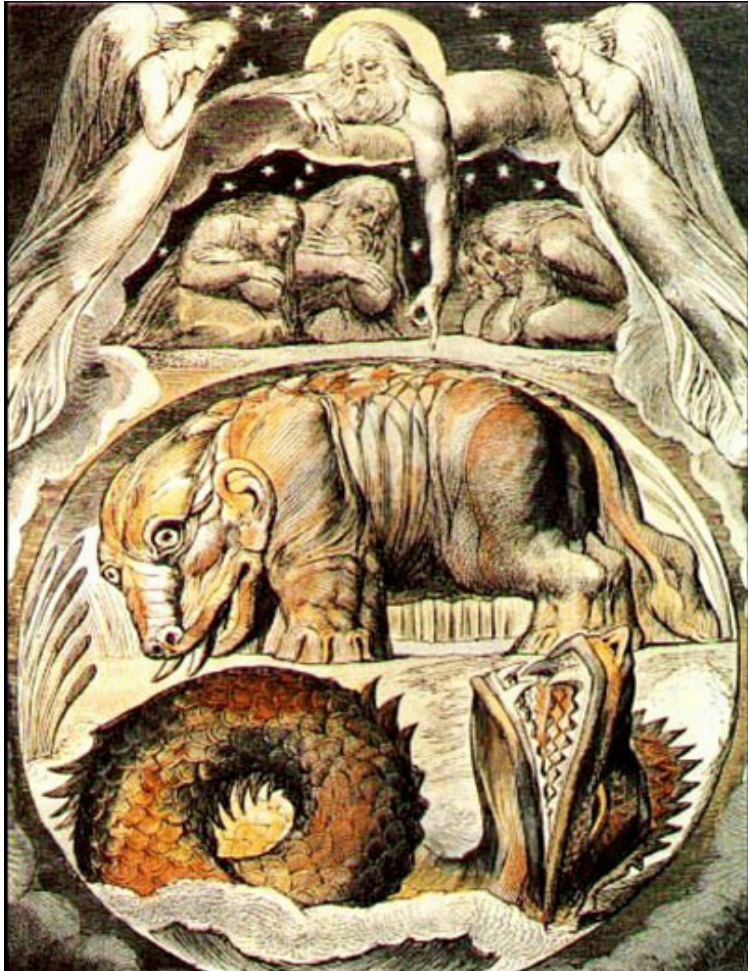
padecimentos o acometiam. Tanto a epilepsia, como a infecção intestinal, além de uma úlcera na língua, “talvez de fundo canceroso, começou a martirizá-lo. Quase não podia se alimentar. Passava a leite dias e dias” (PEREIRA, 2019, p.259). Se ao final da narrativa bíblica “Iahweh mudou a sorte de Jó, quando intercedeu por seus companheiros, e duplicou todas as suas posses”(Jó, 42, 10), já com Machado de Assis, quanto mais o tempo passa, mais duplica seu reconhecimento como um dos autores mais importantes da América Latina. Harold Bloom, por exemplo, em *Gênio: os cem autores mais criativos da história da literatura*, assevera que Machado de Assis é o maior escritor afrodescendente da história da literatura universal.

Machado também se reduplica nas redes sócias. Depois que a *influencer* americana Courtney Henning Novak viralizou lendo *Memórias Póstumas de Brás Cubas* no *TikTok*, ele ficou famoso no mundo todo, além de impulsionar uma avalanche de *BookTokers* que promovem na internet a leitura dos livros de Machado. O Bruxo do Cosme velho está vivo, mais vivo que nunca. São 186 anos de vida, já se aproximando dos 210 anos de Jó. Famoso, tanto no *TikTok*, como no *facebook*, *instagram* e até nos grupos de *WhatsApp* e *telegram* da família. Com certeza, Machado daria risada e faria um conto sobre *as fake news*

que também circulam em seu nome. São inúmeras as frases que aparecem como sendo de sua autoria, mas que não passam de sentenças do senso comum ou que são na verdade de outros autores. Talvez Carlos Drummond de Andrade seja o escritor que melhor traduziu em versos a vida melancólica e a obra complexa de Machado de Assis em seu poema “A um bruxo, com amor”, para este poeta mineiro, o escritor da Rua do Cosme Velho é um “bruxo alusivo e zombeteiro/ que resolves em (nós) tantos enigmas .../ e qual novo Ariel, sem mais resposta/ saís pela janela, dissolves-te no ar” (ANDRADE, 1988, p.289).

# CONCLUSÃO

Figura 6



William Blake, Behemoth e o Leviathan, 1827

“Todo mundo ama um dia  
Todo mundo chora  
Um dia a gente chega  
E no outro vai embora”  
(Almir Sater, “Tocando em frente”)

Lyslei Nascimento observa que, ler Jorge Luis Borges é, sobretudo, “reconhecer nesse escritor uma súpula de tradições, entre elas e de forma muito especial, a judaica” (NASCIMENTO, 2001, p.256). O mesmo se pode dizer de Machado de Assis. Não se pode ignorar hoje, também, o imaginário judaico em Machado de Assis. A presença de *O Livro de Jó*, como discutido aqui, permeia não só o poema “Soneto”, mas vários de seus escritos.

Não só sua poesia está atravessada de referências judaicas como a Bíblia hebraica mas também o sofrimento dos cristãos-novos na Inquisição. Em seus romances, contos, e crônicas, Machado costurou com, linhas e fiapos, retirados do universo hebraico, a complexa tessitura de seu trabalho literário.

Este livro é apenas uma parte do projeto que venho desenvolvendo para tentar analisar e interpretar, os “enxertos”, da cultura judaica nos textos machadianos. Se no lirismo, as estrofes de “Antonio José”, “A cristã-

nova” e “Espinosa”, Machado nos remetem aos cristãos-novos hereges e em “Soneto”, “O Dilúvio”, “O Profeta” e “Sinhá” ele reescreve partes da Bíblia hebraica, mais pesquisas precisam ser desenvolvidas para compreender na prosa este olhar machadiano para o mundo hebraico. A cidade de Jerusalém, por exemplo, aparece mais de dez vezes em seus romances e contos, assim como o Rei Davi que é citado uma dúzia de vezes.

O estudo da poesia machadiana com ecos do imaginário judaico ainda não se esgotou. A análise de “Soneto” é apenas o início de nossa investigação em torno destas outras faces da literatura de Machado. Gostaria que este livro fosse um convite para que os leitores retirassem seu Bruxo do Cosme Velho da estante e, por algumas horas, caminhassem com ele pela sua rica, complexa e enigmática obra.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*A BÍBLIA Sagrada*. Trad. de Antonio Pereira de Figueiredo. Londres: Oficina de Harrison e Filhos, 1866.

*A BÍBLIA de Jerusalém*. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2013.

ABREU, Luis Alberto. *O livro de Jó*. 1993. In <https://teatroemescala.com/2024/07/06/teatro-da-vertigem-pecas-para-download/>

ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ALTER, Robert; KERMODE, Frank.(Org.). *Guia literário da Bíblia*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1997.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

ARAÚJO, Hugo Bressane. *O aspecto religioso da obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 19399.

ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

\_\_\_\_\_. *Obra Completa*. Volumes I, II e III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BANDEIRA, Manuel. O poeta. In: ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. v.III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.p.11-14.

BAR-EFRAT, Shimon. *Narrative art in the Bible*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1989.

BARTON, John. (Ed). *Biblical interpretation*. New York: Cambridge University Press, 1988.

BOCHET, Marc. “Jó, mito da miséria?: pobre como Jó”. In: BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Brasília: UNB/ Rio de Janeiro: José Olympio. Trad. de Carlos Sussekind et al. p. 524-529.

BLOOM, Harold. *Onde encontrar a sabedoria?*. Trad. de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BLOOM, Harold. *Gênio: os cem autores mais criativos da história da literatura*. Trad. de José Roberto O'Shea. São Paulo: Objetiva, 2003.

BULLOCK, C. Hassell. *An Introduction to the Old Testament Poetic Books*, Chicago: Moody Publishers, 2007.

CALDWELL, Helen. *O Otelo Brasileiro de Machado de Assis*. Trad. Fábio Fonseca de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

CAMARGO, Fábio Figueiredo. *A escrita dissimulado: Um estudo de Helena, Dom Casmurro e Esaú e Jacó, de Machado de Assis*. Belo Horizonte: Edição do autor, 2005.

CAMPOS, Haroldo de. Da memória e da desmemória: excursão sobre o poeta José Elói Ottoni, tradutor do Livro de Jó. In: OTTONI, José Elói. *O Livro de Jó*. São Paulo: Loyola; Giordano, 1993. p. XI-XXVI.

CARDOSO, Lúcio. *O livro de Job*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

CHWARTS, Suzana. O Impacto da Literatura do Oriente Médio Antigo na Elucidação da Bíblia Hebraica. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, v. 7, p. 269-286, 2009.

CHWARTS, Suzana. Para Reencontrar o Prazer do Texto Bíblico. *Revista 18*, v. 23, p. 50-51, 2008. /a

CHWARTS, Suzana. Do Estudo Acadêmico da Bíblia Hebraica. *Revista de Estudos Orientais*, v. 06, p. 39-45, 2008. /b

CHWARTS, Suzana. *Bíblia Hebraica : VIA MARIS*. Textos e Contexto.. 1. ed. São Paulo: Humanitas, 2014. v. 3000.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da Citação*. Trad. de Cleonice P. B. Mourão, Belo Horizonte: UFMG 1996.

DELL, Katharine J. *The Book of Job as sceptical literature*; New York, Oxford, Oriel College, 1991

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*, Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva 1994.

FACIOLI, Valentim. *Um defunto estrambótico: Análise e interpretação das Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Nankin: Edusp, 2008.

FERRAZ, Salma. (Org.). *As malasartes de Lúcifer*. Textos críticos de Teologia e Literatura. Londrina: EDUEL, 2012.

FERREIRA, Jerusa Pirez. *Fausto no Horizonte* São Paulo: EDUC/HUCITEC, 1995.

FISCH, Harold. *New Stories for Old: Biblical Patterns in the Novel*. New York: St. Martin's Press, 1998

FONSECA, Manoel José Gondim da. *Machado de Assis e o Hipopótamo*. São Paulo: Fulgor, 1960.

FRYE, Northrop. *O código dos Códigos: a Bíblia e a literatura*. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo; Boitempo, 2004.

GOETHE, J.W. Von. *Fausto*. Uma tragédia. Primeira parte. Trad. Jenny Klabin Segall. São Paulo: Ed.34, 2004.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis escritor em formação*. Campinas: Mercado de Letras, FAPESP, 2000.

GREENBERG, Moshe. Jó. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank. (Org.). *Guia literário da Bíblia*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1997.

GRUYTER, Walter; LISKA, Vivian. *The Book of Job Aesthetics, Ethics, Hermeneutics*, Berlin/Munich/Boston, 2015.

HADJADJ, Fabrice. *Jó ou a tortura pelos amigos*. Trad. de Clara Carvalho. São Paulo: É Realizações, 2017.

JOBIM, José Luís. (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio De Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001.

JÚLIA, Francisca. *Poesias*. São Paulo: Comissão Estadual de Cultura, 1962.

JUNG, C.G. *Resposta a Jó*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 2012.

KIERKEGAARD, Søren. *Temor e Tremor*. Tradução, introdução e notas de Elisabete M. de Souza. Lisboa: Relógio D'água, 2009.

KRENAK, Ailton, *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*: Companhia das Letras, 2020.

LABAKI, Aimar. Antônio Araújo e o Teatro da Vertigem. In: *TEATRO da Vertigem: trilogia bíblica*. São Paulo: Publifolha, 2002.

LEAL, Cláudio Murilo. A poesia de Machado de Assis. In: ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p.13-22./ a

LEAL, Cláudio Murilo. *O Círculo virtuoso: a poesia de Machado de Assis*. Brasília: Ludens, 2008./b

LEIBNIZ, G.W. *Ensaio de Teodiceia*. Trad. de Tessa Moura Lacerda e Celi Hirata. São Paulo: Martins Fontes, 2023.

LEITE, Edgard. O silêncio de Jó e a crítica sapiencial à teologia sacerdotal. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano IV, n. 10, Maio, 2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf9/02.pdf>>. Acesso em 14 abr. 2016

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, Record, 2008.

MARIA, Claudinei. *O pão da dor e o vinho da miséria: o banquete da existência, de Jó a Brás Cubas*. Dissertação de mestrado. Campinas: UNICAMP, 2007.

MARQUES, Wilton José. *Machado de Assis e as primeiras incertezas*. São Paulo: Alameda, 2022.

MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís. (Org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio De Janeiro: Academia Brasileira de Letras; Topbooks, 2001. p.21-90.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MASSA, Jean-Michel. *Machado de Assis tradutor*. Trad. Oséias Silas Ferra. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

MELLO, Lucius de. *A Bíblia segundo Balzac: Deus, o Diabo e os Héreis Bíblicos em A comédia Humana*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2024.

MERQUIOR, José Guilherme. Gênero e estilo das Memórias póstumas de Brás Cubas. *Revista Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 8, p. 12-20, 1972.

MIASSO, A. L. N. Machado de Assis: versos e epígrafes. In: *Epígrafes e diálogos na poesia de Machado de Assis* [online]. São Carlos: EdUFSCar, 2017, pp. 23-36.

MILES, Jack. *Deus: uma biografia*. trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

MIRANDA, José Américo. Revista Machadiana eletrônica. In: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/cesp/article/download/30683/24302/90029>

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo, Editora Cultrix, 1985.

MORLA, Víctor. *Libro de Job, recóndita armonía*. Estella, Navarra: Verbo Divino, 2017.

NASCIMENTO, Lyslei. *Vestígios da tradição judaica: Borges e outros rabinos*. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais./ Faculdade de Letras da UFMG, 2001.

NEWSON, C.A. *The Book of Job: A Contest of Moral Imaginations* Oxford University Press , 2009.

NOVINSK, Anita. Machado de Assis, os Judeus e a redenção do mundo. São Paulo: Hermanitas, 2008.

OTTONI, José Elói. *O livro de Jó*. São Paulo: Loyola/Giordano, 1993.

PARIZET, Sylvie. *La Bible dans les Littératures du Monde*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2016.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida Pereira. “Um bruxo nas bodas do diabo: a poesia de Machado de Assis entre a tradição bíblica e as narrativas populares”. In: PEREIRA, Kenia Maria de Almeida; AYUB, João Paulo; SILVA, Glenda.(Orgs). *A poesia e a Bíblia: entre a reverência e a paródia*. Uberlândia: Edibrás, 2016.p. 111-119.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida Pereira. “Machado de Assis e o mito hebraico do dilúvio”. In: PEREIRA, Kenia Maria de Almeida; SILVA, Maria Ivonete Santos. (Orgs). *Releituras do texto literário*. Uberlândia: EDUFU, 2014.p.193-206.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida Pereira. Quando Jeová responde em versos: Machado de Assis e o Livro de Jó. (2016). Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG, 10(18), 159-169. <https://doi.org/10.17851/1982-3053.10.18.159-169>

PEREIRA, Lucia Miguel. *Machado de assis: Estudo Crítico e Biográfico*). Brasília, Senado Federal, 2019.

PONDÉ, Luiz Felipe. Jó e a alegria. In: HADJADJ, Fabrice. *Jó ou a tortura pelos amigos*. Trad. de Clara Carvalho. São Paulo: É Realizações, 2017. p.5-8.

PRADO, Adélia. *Oráculos de Maio*. São Paulo: Siciliano, 1999.

PROENÇA, Paulo Sérgio. *Sob o signo de Caim: o uso da Bíblia por Machado de Assis*. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2011.

QUEIROZ, Wenceslau. *Rezas do diabo*. São Paulo: Gráfica da Revista dos Tribunais, 1939.

REALE, Miguel. *A filosofia na obra de Machado de Assis*. São Paulo: Pioneira, 1982.

SETTE, Lourdes. Machado tradutor de Assis: a construção da identidade de tradutor no século XIX. *Scientia Traductionis*, Universidade Federal de Santa Catarina, n.14, 2013,p.84-92. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2013n14p84/27401>>. Acesso em 14 abr. 2016.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2000.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL-MEC, 1955.

SOUSA, J. G. Os primeiros versos de Machado de Assis. In: SOUSA, J. G. *Machado de Assis e outros estudos*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra; Brasília: INL, 1979

STANFÖRD, Peter. *O Diabo: uma biografia*. Tradução Marcia Frazão. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

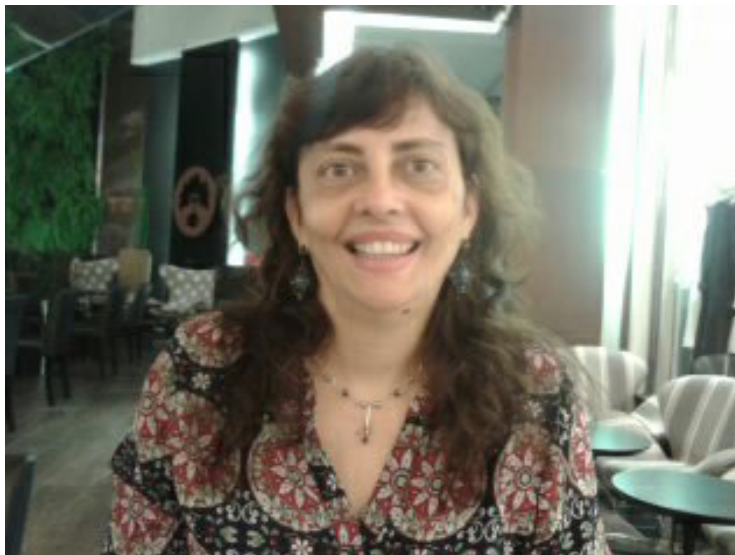
TEREZA. Revista de literatura brasileira.n.6/7. São Paulo: Ed.34, Imprensa Oficial. (2004/2005) (p.219-317)

TERRIEN, Samuel. *O Livro de Jó*. Trad. de Benoni Lemos, São Paulo: Paulus, 1997.



# SOBRE A AUTORA

Figura 7



Fotografia retirada do currículo Lattes da autora.

Kenia Maria de Almeida Pereira é professora de Literatura brasileira e portuguesa da Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora no mestrado e doutorado do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (UFU). Coordenadora do Laboratório dos estudos Judaicos (LEJ/UFU/CNPq). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG),

supervisionada pela professora Lyslei Nascimento e também na Universidade de São Paulo (USP), com a professora Suzana Chwartz, além de efetuar visita técnica nos Estados Unidos, na Biblioteca Oliveira Lima, da Universidade Católica da América, em Washington D.C.

Publicou, dentre outras obras, *Os Encantos de Medeia*, pela EDUSP; *Obras do Diabinho da mão furada*, pela Imprensa nacional do Estado de São Paulo/ Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes; *O Quixote do Judeu*, pela EDUFU e *Guerras do Alecrim e Manjerona*, também pela EDUFU. Organizou o primeiro livro do LEJ *Exílios, Diásporas e Memórias: Primeiro livro do LEJ*. Organizou, juntamente com seu orientando de Doutorado, Geovane Souza Melo(UFU) e Kristina Michahelles, coordenadora da Casa Stefan Zweig, a obra *Stefan Zweig no caleidoscópio do tempo: Reflexões sobre o autor de Brasil, um país do futuro*.

# ÍNDICE DE FIGURAS

**Figura 01:** William Blake, *Mensagem sobre a Jó sobre seu infortúnio*, 1821

In: <https://commons.wikimedia.org/wiki/>

File:Blake\_Book\_of\_Job\_Linell\_set\_4.jpg

**Figura 02:** William Blake, *Satanás feriu Jó com furúnculos*, 1826

in: <https://commons.wikimedia.org/wiki/>

File:William\_Blake\_007.jpg

**Figura 03:** William Blake, *Jó e suas filhas*, 1800. In:

<https://www.nga.gov/artworks/30221-job-and-his-daughters>

**Figura 04:** William Blake, *Deus responde a Jó no meio do redemoinho*, 1805

In: <https://commons.wikimedia.org/wiki/>

File:The\_Lord\_Answering\_Job\_Out\_of\_the\_Whirlwind\_Butts\_set.jpg

**Figura 05:** Carta de Machado de Assis a Oliveira Lima, fotografada no acervo da biblioteca Oliveira Lima/ Estados Unidos

Arquivo da autora Kenia Pereira

**Figura 06:** William Blake, *Desespero de Jó*, 1805.

in: <https://commons.wikimedia.org/wiki/>

File:Job%27s\_Despair\_Butts\_set.jpg

**Figura 07:** Fotografia retirada do currículo Lattes da autora.



KENIA MARIA DE ALMEIDA PEREIRA

## MACHADO DE ASSIS E O LIVRO DE JÓ

ISBN: 978-65-984824-7-3



Laboratório de Estudos Judaicos



[www.editoraprojetium.com.br](http://www.editoraprojetium.com.br)

